

Educação aumenta salário do trabalhador

Diferença de renda entre uma pessoa sem estudo com a de quem tem um ano chega a 6,88%

AGÊNCIA ESTADO
DE SÃO PAULO PARA O DIADEMA JORNAL

Cada ano a mais de estudo de um trabalhador pode aumentar em 15% sua remuneração. Isso é o que aponta o *Índice Você*, divulgado pela Fundação Getúlio Vargas e que toma como base os números da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007, produzida pelo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com o levantamento, o percentual é resultado da diferença entre a remuneração dos dois extremos da pirâmide educacional: analfabetos e indivíduos com 18 anos de escolaridade. "O salário médio nacional de uma pessoa sem qualquer instrução é de R\$ 401, enquanto o de um trabalhador com 18 anos de escolaridade che-

ga a R\$ 5.027 mil. Isto dá uma diferença média anual de 15%", detalhou Marcelo Néri, coordenador do índice.

As oportunidades de ocupação, no entanto, não crescem no mesmo ritmo da remuneração. Entre um analfabeto e um indivíduo com 18

"Com um ano a mais de estudo, os salários podem subir 47,39%, mas as oportunidades crescem lentamente"

anos de estudos, a maior probabilidade de o segundo conseguir emprego cresce apenas 3,38% a cada ano.

O maior salto de remuneração ocorre quando um trabalhador de nível superior, com 15 anos de estudos,

ingressa em uma pós-graduação. "Com apenas um ano a mais de estudo, os salários podem subir 47,39%. As oportunidades, porém, crescem em ritmo mais lento, de 1,26%", acrescentou o economista. A diferença de rendimentos entre uma pessoa sem qualquer estudo com a de um trabalhador com apenas um ano de escolaridade chega a 6,88%. Nesse caso, as oportunidades de conseguir um emprego aumentam 13,98% para os que estudaram. A pesquisa mostra, também, que começar um curso superior e não terminá-lo pode ser um péssimo negócio.

A diferença salarial entre uma pessoa que concluiu o ensino médio e a de um trabalhador que tem apenas o primeiro ano de faculdade chega a 19,5%.



Oportunidades de ocupação não crescem no mesmo ritmo da remuneração